

## **DESENVOLVENDO O SER CIRCULAR**

### ***Desdobramentos e Reflexos das Danças Circulares***

As Danças de Roda nos fazem entrar em sintonia com os ritmos e ciclos da natureza, evocam o tempo cíclico e não linear orientando-se no percurso das constelações - dança e cosmos: acontecimentos no espaço.

Nos seus passos e gestuais trazemos símbolos e significados, colher, plantar, reverenciar, abençoar; dançar percebendo a minha essência, dançar com o outro, ver o outro, me ver através do outro.

Na unidade percebo a minha individualidade quando danço os mesmos passos com todos em uma roda, mas sempre através do meu corpo e da minha expressão. É um grande exercício de convívio e de aprendizado. Este aprendizado e autoconhecimento se dá de forma interna e externa à medida que adianto ou diminuo meu passo para estar com os outros, no momento em que dou as mãos e respiro junto. No círculo, o movimento é realizado pelo grupo e por cada indivíduo, cada um tem a sua responsabilidade no que acontece se colocando como “agente participante”, recebendo em troca a maravilhosa sensação de pertencimento e acolhimento.

Enquanto a dança é feita, outras informações são acessadas seja na parte mental ou física. Vamos aprendendo a nos colocarmos na roda, a perceber a linha do círculo, não ficando nem mais adentro ou fora que os outros, a roda está redonda e as distâncias equânimes quando conseguimos enxergar a todos. Procuramos não puxar, apertar, nem segurar as mãos dos parceiros com força e sim com delicadeza – quase como um toque. Até porque não somos nós que levamos, quem nos leva é a dança. Normalmente alguém que está iniciando nesta prática tem esta tendência, pois ainda está inseguro quanto a este terreno tão móvel e até buscando equilíbrio. Mas com o tempo e a experiência o que vamos percebendo é que se estabelece uma segurança e constância no fluxo e no ritmo e os mais sensíveis percebem que esta cadeia de mãos se intercomunica.

Cada um é responsável pelo seu próprio espaço.....o espaço que seu corpo ocupa, e ele se estabelece a partir dos nossos braços e a distância com nossos parceiros na roda; prestando atenção também no espaço “entre” nós. Procuro, além de não segurar/apertar as mãos, não colocar meu peso sobre eles, pois eles não têm obrigação de levar nada além do seu próprio, já que na dança estamos a todo o momento jogando com o volume de nossos corpos e nos adaptando a esta realidade, esta música, estes gestos, que às vezes são novos para nós ; fica complicado ter mais alguém para levar nesta jornada de auto-descoberta. E cada um tem a sua. Mesmo o focalizador, não “carrega” ninguém, ele aponta um caminho a ser seguido e apóia, mas cada um se en-carrega fazendo seu próprio movimento para compor no todo.

As danças são diferentes e não tem um efeito condicionador, cada povo em sua origem ou cada coreógrafo, colocou nelas um padrão de gestos bastante distintos, que podem ser característicos de

certos locais ou costumeiros em outros. Têm passos bem conhecidos, como o passo de trança ou gavinha, o yemenit, o cha-cha-cha e passo-junta-passo, sem falar das maneiras de dar as mãos. Mas sempre são novas formas a se adaptar e normalmente vamos também absorvendo os ensinamentos que mais nos servem, como quando é dito que o que falamos é o que mais precisamos ouvir na dança é parecido, dançamos as danças que precisamos dançar, movimentamos as energias que precisamos movimentar.

No círculo a todo o momento encontramos espelhos, ao tempo em que a roda gira vamos nos deparando com diferentes pessoas a nossa frente e elas fazem exatamente o que fazemos de forma espelhada o que nos leva a pensar nos nossos reflexos – ao meu olhar , ele faz o que eu faço mas de outra forma - de outro ângulo.

Neste giro vamos a cada passo ou seqüência de dança ocupando o espaço que o outro estava e também vendo o que ele via, estabelecendo nossa relação com o local ; girando na roda, estamos a cada volta revendo tudo de diferentes pontos de vista. Contemplando a todo o momento acontecimentos em movimento e tudo vivenciado pela unidade da roda, que enquanto una é composta de pequenas partes - cada um de nós. Trabalhando em nós a sua “pluralidade” e levando para si a nossa “unidade”. Adaptando-nos a forma circular/cíclica de ser e estar no mundo, ampliando as múltiplas dimensões da nossa percepção.

Vamos vestindo moldes de danças a cada nova música. Os passos e gestos que se repetem vão se imprimindo em nós ,enquanto a música toca de novo e de novo. Esta repetição nos traz conforto pois o corpo vai se conformando na coreografia e o gesto que antes era feito de forma rápida, agora mais absorvido ,faz com que o tempo até se expanda nos fazendo aproveitar melhor ainda a dança.

Enquanto isso a mente silencia,outra comunicação se estabelece e em nosso espaço interno, um mundo se abre: de imagens, pensamentos, intenções...Visitamos lugares conhecidos, desconhecidos, memórias...abrimos arquivos. Nos aproximando mais de quem somos, nos religando a uma infinidade de possibilidades e compreendemos que podemos ser todas elas. A cada visita a este espaço um tanto dele volta à tona com a gente e até quando a música acaba, percebemos que mesmo nesta roda com tantas pessoas , nossa individualidade é guarnecida e celebrada, não somos mais um, somos alguém naquela roda.

*“Na sociedade atual , praticamos corporificação das imagens fabricadas por outros sobre como devem ser os seres humanos. Devemos ser poderosos, sensuais. Eu devo ser e agir como esse tipo de homem, esse tipo de mulher. Assim começamos a praticar a corporificação daquela imagem externa, negando a nossa própria imaginação somática”.....*

*...“Há uma diferença entre a imagem oferecida por aquela sociedade e a imagem potencial que está brotando internamente. Algumas vezes , é preciso voltar muito pra trás para descobrir quais eram as verdadeiras imagens operando e dando forma a sua vida”....*

...”Quando idealizamos a imagem em lugar da experiência corporal, nós nos descobrimos vivendo na imagem. Atualmente, grande parte da sociedade se organiza de maneira que se coloca à parte da sua própria natureza. A natureza tornou-se uma fotografia, uma idéia, um símbolo, uma imagem no cérebro – e o mesmo aconteceu com o corpo.” ...

... “A experiência é parte do processo auto-organizador do corpo, um padrão de resposta, pelo qual o corpo sabe aquilo que é e o que está em vias de ser. Nesse sentido, o fluxo de experiência na forma de emoções, movimentos, sensações, cria no cérebro uma imagem anatômica do que está acontecendo ou do que já aconteceu. As respostas do corpo fazem uma imagem anatômica e, então, uma imagem auditiva e visual, elas vão junto. Quando elas estão dissociadas umas das outras, vivemos nas imagens, sem um corpo, Ou vivemos como um corpo desprovido de imagens de si mesmo.”...

... “As imagens enraizadas no soma são autênticas. Quando vivemos conceitos e imagens que não estão enraizados em nosso corpo, não acreditamos em quem somos. Quando o corpo perde o contato com a própria imagem somática interior, ficamos alienados do sagrado.” **(trechos acoplados do livro Mito e Corpo de Stanley Keleman).**

Em determinada época da nossa vida normalmente somos solicitados a decidir o que seremos, esquecendo o que já somos desde sempre. São oferecidas opções, quando deveríamos prestar atenção em nosso caminho natural. Diferente das antigas tradições, onde as tendências natas eram observadas no convívio e era compreendido que cada um tinha os seus próprios desígnios, que estas qualidades deveriam ser exaltadas e não pasteurizadas ou formatadas.

Na vivência e prática das Danças Circulares, mesmo misturados a outras pessoas, percebemos que a cada roda nossa identidade sai mais íntegra e fortalecida. Observando que somos uma **forma** em movimento e no tempo de uma vida (sem contar as outras tantas), podemos experimentar diversas **conformações**, **deformações**, **transformações**... Desejando sempre que nestes tantos movimentos consigamos mais e mais aprender a valorizar e incluir as peculiaridades de cada um, permitindo que o comportamento autêntico adicione, aceitando a diferença como uma forma de aprendizado...e aí possamos ser inéditos, incomuns...originais, seres circulares.

**Patricia Preiss**